

DIA A DIA

diadia@redetribuna.com.br

Cheque sem fundos bate recorde

Os cheques sem fundos bateram novo recorde no Espírito Santo no último mês. No total, o calote foi em torno de R\$ 200 milhões, segundo o presidente da Associação dos Representantes de Bancos do Espírito Santo (Arbes), Jorge Eloy Domingues.

A inadimplência mais alta até então havia sido registrada em janeiro deste ano, quando 159 mil títulos foram devolvidos e, destes, 141.200 não foram honrados, num total de R\$ 191,1 milhões. A alta em relação ao primeiro mês de 2013 foi de 4,65%.

O motivo para esse salto no calote é, segundo Jorge Eloy, a “festa dos pré-datados” no final do ano passado. Agora, com o Dia das Mães, existe tendência de alta, e a preocupação cresce. “A economia capixaba sai no prejuízo, nós também”, lamentou.

De uma forma geral, a inadimplência entre as pessoas físicas está na casa dos 6%, o que representa uma certa dor de cabeça.

Jorge Eloy voltou a criticar o uso de cheques pré-datados. “Só no Brasil inventaram este meio de pagamento”, detonou.

* * *

Garantia para lâmpadas

A troca das lâmpadas convencionais que iluminam as ruas do Sul do Estado por luzes de LED, mais econômicas, promete não só diminuir a taxa de iluminação pública paga por mais de 173 mil moradores, mas também evitar que as vias públicas fiquem às escuras. Segundo o secretário Almir Vieira, de Anchieta, a LG, que propôs o negócio, oferece 3 anos de garantia.

Só na base da compra

Para evitar atritos com o Ministério Público, ficou decidido que as novas lâmpadas da iluminação pública do Sul do Estado deverão ser compradas.

A ideia inicial, de que parte do valor economizado ficasse com a empresa, como pagamento pelo serviço, foi descartada. O investimento pode surgir nos municípios de Guarapari, Anchieta, Piúma, Iconha e Alfredo Chaves.

* * *



Quarta é dia de manifestação

Uma série de sindicatos de categorias trabalhistas marcou para a próxima quarta-feira uma marcha contra a inflação, a corrupção e o arrocho salarial. O evento, previsto para começar às 9 horas, com concentração na Praça de Jucutuquara, promete “fazer de tudo para chamar a atenção de todos”, segundo um sindicalista.

* * *

Ofertas não faltam para comprar usina no Sul

A Usina Paineiras — que produz álcool e açúcar —, em Itapemirim, Sul do Estado, recebe constantes ofertas de investidores interessados em comprar parte de ou todo seu patrimônio, mas nada que encha os olhos, segundo o superintendente financeiro da empresa, Antonio Carlos de Freitas. Segundo ele, a demanda pelos produtos da usina é grande, e sua capacidade produtiva só não está tomada porque não há cana-de-açúcar em quantidade suficiente disponível.

CURTAS

MOTOS EM RECUPERAÇÃO

As vendas de motos no Estado tiveram nova alta. Os números de abril são 4,82% superiores aos de março e 0,23% melhores do que no mesmo mês no ano passado: foram vendidos no último mês em média 136 veículos por dia, num total de 2.999 unidades.

DOENÇA EM CAVALOS

O Idaf informou que foi confirmada a ocorrência de mormo (doença que

atinge os equídeos) no Estado. O caso foi registrado em seis cavalos do Regimento de Polícia Montada.

DEFESA DA INDÚSTRIA

O empresário capixaba Lucas Izoton, vice-presidente da CNI e presidente do Conselho Temático da Micro e Pequena Empresa, vai participar do 31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha, terça-feira, onde representará os interesses da indústria nacional.



PANORAMA ECONÔMICO

MÍRIAM LEITÃO

Escravos na Justiça

Entre as várias preciosidades do Arquivo Nacional do Rio estão as Ações de Liberdade. Fui passar uma tarde, na última terça-feira, com esses processos que escravos moveram contra seus proprietários. Na comunidade do Desterro, hoje Florianópolis, em 1813, uma mulher de nome Liberata iniciou uma ação contra José Rebello, seu dono, que a violentava sistematicamente desde os 10 anos.

Depois de muitos anos, idas e vindas, brigas e ameaças, ela conseguiu a liberdade. Em 1835 seus filhos José e Joaquina entraram também na Justiça, alegando que tinham nascido depois que Liberata foi libertada, portanto, eram livres, e que tinham sido escravizados ilegalmente. Eles também venceram.

No Arquivo, eu manuseei com luvas e respeito alguns desses documentos.

Hoje estão todos digitalizados, e os pesquisadores estudam nos arquivos digitais. Mas foram mostrados na reportagem que fiz para o programa da Globonews.

Quando a historiadora Keila Grinberg, ainda uma estudante de graduação da Universidade Federal Fluminense, no final dos anos 1990, os estudou, eles estavam em caixas.

Ela encontrou 400 destas ações que ocorreram no Brasil todo e que vieram para o Rio para a Corte de Apelação. Essa história sempre me fascinou desde que li o livro de Keila, em 2001.

Hoje ela é doutora em História Social pela UFF e tem pós-doutorado em Michigan.

Nos Estados Unidos, descobriu que essas ações de liberdade não foram exclusividade do Direito brasileiro, ocorreram lá e na América espanhola, mas em muito menor número do que no Brasil.

A coragem de cada um desses que entraram na Justiça é impressionante, e a lição que eles deixaram é de que mesmo no mais injusto do sistema, eles, desprovidos de todos os direitos, decidiram buscar a Justiça:

“A principal lição que a história da Liberata demonstra é que os escravos não aceitavam passivamente a escravidão. Isso tem que estar em todas as escolas: a escravidão nunca foi aceita. Os descendentes dos escravos precisam saber dessa história, que é de sofrimento, mas de conquista. Outra lição é que existe uma dimensão da Justiça brasileira pouco conhecida. Numa sociedade escravocrata e violenta, na Justiça, esse indivíduo conseguiu ser ouvido”.

Liberata afirmou que foi submetida à violência sexual sistemática e que José Rebello, seu dono, prometeu que a libertaria quando ela crescesse, mas não cumpriu a promessa.

Em algumas ações, escravos alegaram que juntaram dinheiro necessário para comprar alforria e os donos elevaram o preço.

José e Joaquina disseram que tinham nascido do ventre livre de Liberata e pediram para o processo da mãe ser anexado aos autos como prova:

“Em geral, na primeira instância, quando o juiz estava mais submetido ao poder local, os escravos perdiam, mas nos 400 casos que estudei em que se recorreu à Corte no Rio de Janeiro houve mais vitória dos escravos do que dos senhores”.

Amanhã, no 13 de maio, completam-se 125 anos do fim da escravidão. O que os estudos da Keila e de outros historiadores contemporâneos mostram é que a luta por liberdade perpassou toda a história da escravidão no Brasil.

sil no século XIX.

O livro da Keila “Liberata, a Lei da Ambiguidade” está, infelizmente, esgotado.

Tenho um precioso exemplar que me foi dado de presente pelo advogado Hédio Silva. Mas a autora disponibilizou seu conteúdo na internet. Ela mantém também este e outros textos no Blog da Keila: www.keilagrinerberg.blogspot.com.br.

As ações de liberdade são uma das facetas desta incrível história de luta e superação do mais violento dos sistemas.

Folheei com temor reverencial as velhas páginas de alguns processos, ainda assombrada com a pergunta para a qual não tenho resposta: qual é o tamanho da coragem que uma pessoa precisa ter para, em sendo escravo, denunciar na Justiça os excessos do seu dono e exigir a liberdade?



Em algumas ações, escravos alegaram que juntaram dinheiro necessário para comprar alforria e os donos elevaram o preço

Isso não torna o 13 de maio menos significativo, mas ajuda a refazer a narrativa da aceitação passiva. Os escravizados, africanos ou brasileiros, lutaram de todas as formas.

Só a partir de 1871, com a Lei do Ventre Livre, é que oficialmente se pôde comprar a própria liberdade. Mas o hábito de juntar dinheiro e comprar a alforria — ou seja, a luta no campo da poupança e das finanças — era usual no Bra-

OS PONTOS-CHAVE

1 EM 1813, A ESCRAVA Liberata foi à Justiça brasileira, denunciou seu dono e pediu a liberdade

2 NO ARQUIVO NACIONAL do Rio, existem 400 ações de liberdade movidas por escravos

3 A HISTORIADORA Keila Grinberg diz que essa foi uma das formas da grande luta de resistência